

MINAS

19
→ Grupo que vive em terras da diocese de Araçuaí busca identidade

Índio pankararu sonha com resgate da cultura perdida

"Não tenho mais idéia de querer andar, não. Já tô vêia. Cansei". O desabafo é de dona Benvina Vieira, esposa de "seu" Eugênio Cardoso. O casal de índios pankararus saiu de Tacarapi, em Pernambuco, e andou durante 32 anos até chegar em Minas Gerais. Hoje, moram na Fazenda Alagadiço, onde estão há quatro anos. A fazenda, cedida pela diocese de Araçuaí em regime de comodato, fica em Coronel Murta, no Vale do

Jequitinhonha. Junto com eles, outros nove índios (entre eles os filhos do casal) viajaram muitos quilômetros de ônibus, caminhão ou a pé. "E os filhos foram nascendo assim, pelo caminho", conta Geralda Chaves Soares, pesquisadora do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (Cedefes). "Quando nós resolvemos sair de lá, tinha três meninos na época. Os outros nasceram em outras aldeias", diz dona Benvina.

As andanças desse povo levou os pankararus a morar em algumas aldeias espalhadas pelo país. Como "seu" Eugênio trabalhava na Funai, a família tinha que mudar sempre de uma aldeia para outra. Com isso, os filhos nasciam e cresciam cada um numa aldeia diferente, e eram criados dentro da cultura de cada uma. "A minha cultura eu peguei agora, depois de grande", afirma Ivan Pankararu, filho de dona Benvina e "seu" Eugênio, que nasceu na aldeia

dos carajás. Segundo ele, essa sempre foi a maior preocupação de dona Benvina: manter viva a cultura dos pankararus. "Meu sonho era ter meu lugarzinho pro meu povo. Queria sustentar minha cultura", declara. Quando estavam na cidade de Carmésia, onde moram os pataxós, conheceram Geralda Soares, que fazia estudos na aldeia. "Falei que queria sustentar minha cultura. Não dá pra fazer isso na aldeia dos outros", relata dona Benvina.



Os rituais dos índios pankararus vão sendo recuperados na Fazenda Alagadiço, no município de Coronel Murta

Seca dificulta sobrevivência

Depois que a terra dos pankararus foi inundada no Pernambuco, alguns permaneceram na região, mas a maioria saiu de lá. A seca do Nordeste também influenciou no processo de migração. Só na Favela Real Parque, em São Paulo, vivem mais de mil.

A situação atual dos índios da aldeia Apukaré, no município de Coronel Murta, não é fácil. A área não foi registrada oficialmente no patrimônio da União. Para demarcar legalmente terras indígenas, a Funai (Fundação Nacional do Índio) exige que os terrenos sejam vendidos, doados ou desapropriados em favor dos índios ou do Governo federal. Entretanto, a igreja católica de Araçuaí - proprietária da área - só concedeu o terreno aos pankararus em regime de comodato.

Com isso, os índios só têm contado com pequenos apoios da Funai para aquisição de materiais de construção, sementes e alimentos.

O longo período de seca deste ano no Vale do Jequitinhonha agravou a situação. Os índios não têm conseguido se auto-sustentar do plantio de alimentos na fazenda. Para complementar sua renda, eles produzem artesanato, que é vendido em feiras realizadas geralmente na cidade de Araçuaí.

A Funai exige que seus empregados atuem somente nas aldeias oficializadas. Isto impede que uma das filhas de dona Benvina Vieira, a enfermeira Cleonice Pankararu, que é funcionária da Funai, trabalhe na tribo. Ela reside atualmente com índios guaranis, no Espírito Santo.



A matriarca Benvina Vieira não quer migrar nunca mais

Três décadas de migrações e perdas

Os pankararus que vivem hoje espalhados pelo país saíram de Pernambuco há cerca de 30 anos, quando a usina hidrelétrica de Itaparica foi construída e alagou parte das terras onde viviam. Nestas três décadas que passaram migrando, os indígenas enfrentaram diversos problemas culturais.

O maior deles é o preconceito generalizado que o índio sofre. No Vale do Jequitinhonha, por exemplo, muitos descendentes de índios têm até vergonha de admitir suas origens.

De acordo com Geralda Chaves Soares, pesquisadora do Cedefes, uma parcela significativa dos moradores da região descende dos indígenas. Entretanto, várias destas pessoas sentem-se constrangidas em admitir seu parentesco. Debochando, alguns dizem que os indígenas são

"bichos do mato". Para a pesquisadora, este preconceito enrustido é uma herança cultural da história de perseguição que os povos indígenas sofreram desde o século XVIII.

PERSEGUIÇÃO

De acordo com o livro "A Luta dos Índios pela Terra", editado pelo Cedefes, até o final do século XIX, muitos fazendeiros costumavam capturar índios para escravizá-los. Esta atitude de dominação foi incentivada pelos governos da época, que chegavam a anistiar impostos atrasados e doar terras para os que capturassem grande número de indígenas.

No final do século XVIII, o império português - que governava o Brasil - elaborou uma carta aberta à população, dizendo que os índios deveriam ser

combatidos como se fossem inimigos de guerra.

Segundo Geralda Soares, este processo histórico de opressão é o principal motivo da origem da discriminação em relação aos índios e a consequente perda de identidade deles. Além dos problemas enfrentados por seus ancestrais, os pankararus que vivem em Coronel Murta também tiveram sua cultura ameaçada durante os 30 anos de migração, quando conviveram com outros povos indígenas, recebendo influências culturais diversificadas.

→ Esta página foi produzida por estudantes da disciplina Edição Jornalística do curso de Jornalismo da PUC-Minas, sob a supervisão de Maurício Lara (Reg. 3711/MG). Textos: Ana Luiza Chalub, Beatriz Moraes e Leonardo Horta. Fotos: Ana Luiza Chalub. Diagramação: Júlia Nogueira

Dúvida

Doação está ameaçada

O bispo da arquidiocese de Araçuaí, Dom Enzo Rinaldini tem dúvidas se vai dar a posse definitiva da fazenda aos índios. "Me decepcionei com eles, as terras foram cedidas em regime de comodato e como os índios não estão ficando nas terras, não sei se vou doá-las".

A chegada dos pankararus ao Vale do Jequitinhonha empolgou dom Enzo. Ele viu a possibilidade de mantê-los na diocese e realizar um trabalho "muito gratificante". Segundo ele, muitas pessoas da paróquia eram contra a instalação dos índios na região e o comodato só foi decidido depois de muitas reuniões e debates no conselho da arquidiocese. Essas negociações ocorreram entre dezembro de 1993 e junho de 1994, quando os pankararus se instalaram na fazenda.

Depois de "doar" as terras, a paróquia ajudou na construção das casas. Segundo dom Enzo, a contribuição não foi em dinheiro e sim com a organização de um mutirão para ajudá-los a se instalar. "As casas ficaram muito boas e a região é

privilegiada. Dei o filé da fazenda para eles, o rio passa junto às terras", explica.

Ao comentar sobre as terras que foram cedidas, dom Enzo revela sua insatisfação. Ele conta que esperava que os índios realmente se instalassem na fazenda, construíssem uma aldeia e fossem felizes lá. "No começo ia muito lá visitá-los, como não via o interesse deles pelas terras, fui ficando decepcionado", diz

Dom Enzo acha que a migração das famílias para outras regiões está ligada à necessidade do povo indígena de ser nômade: eles não conseguem mais se instalar em nenhum lugar já que a terra de origem deles foi tomada.

O bispo diz também que somente parte da família de dona Benvina está na região e que ele esperava mais empenho do grupo para continuar na fazenda. "Por isso não sei se passarei as terras para o nome deles, acho que desperdiçaram uma boa oportunidade. Vamos ver se daqui a algum tempo as coisas mudam", conclui.

Tribo não conhece mais a língua

Da língua original dos pankararus, dona Benvina só sabe dizer *setsotolo diakakê*, cujo significado ela não se lembra mais. "A história que eu sei é que antigamente, quando os índios estavam dançando, a polícia chegava lá atirando, dizendo que era feitiçaria. Então, escorçavam os índios. Os mais velhos, que sabiam a língua, não passavam pros mais novos, porque tinham medo que os soldados prejudicassem a família deles", conta Ivan. Com isso, a língua foi se perdendo.

Os nomes são todos em Português. Atualmente, estão tentando resgatar a cultura indígena através dos nomes das crianças, mas a cultura pankararu não tem influência, pois eles não conhecem o idioma. Ivan foi criado entre os índios xerentes e aprendeu lá os nomes que colocou em seus filhos - Wakixi e Wakiti.

REFERÊNCIAS

As casas construídas na Fazenda Alagadiço contaram com a ajuda da Funai, que doou materiais de construção, e de alguns particulares. "Eu não queria assim, não. Queria minhas casinhas de palha, do jeito que era na nossa aldeia", lembra dona Benvina, apontando as casas de cimento e telha em que moram. "Mas não vou reclamar,

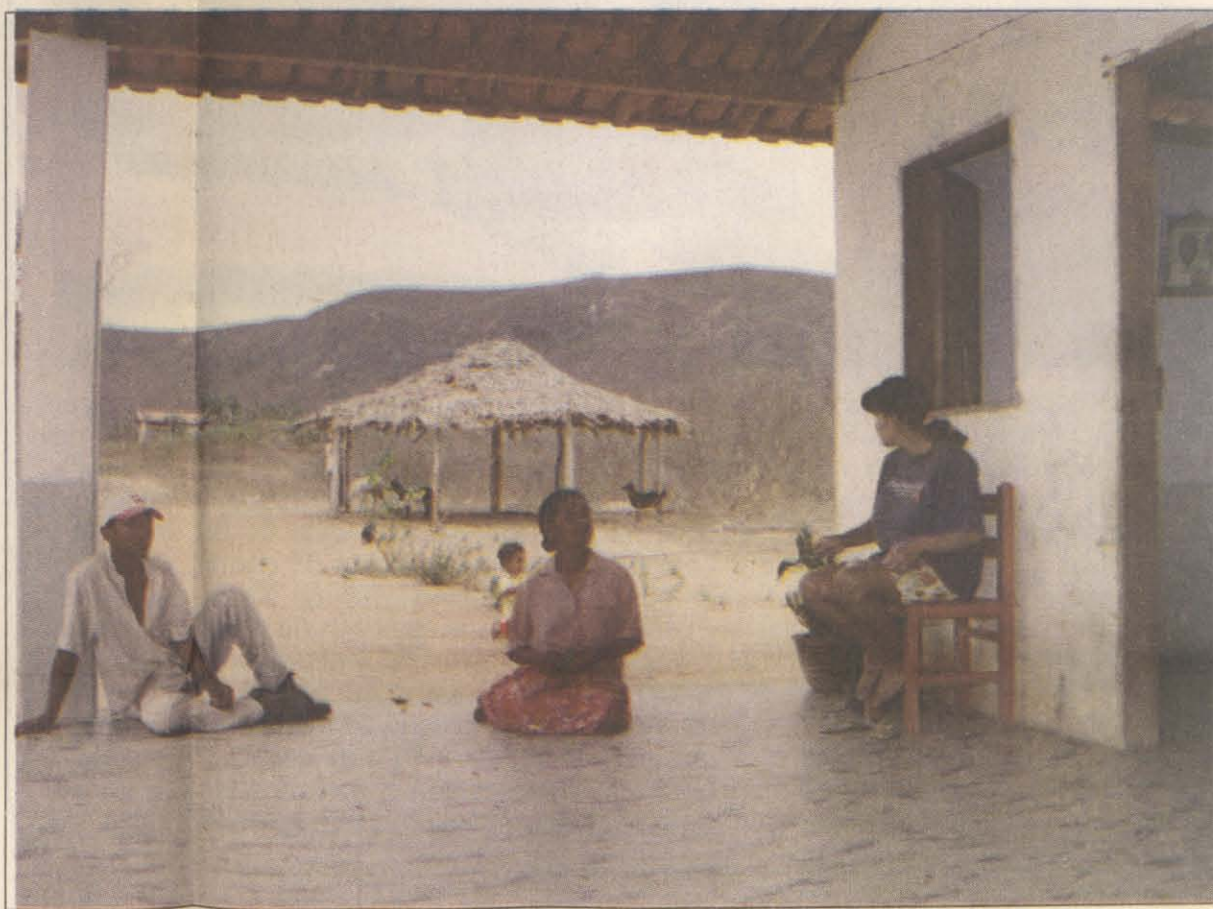
foi tudo dado pra nós, não podemos achar ruim", completa.

CANSANÇÃO

Dona Benvina conta que desde que veio para Minas já voltou muitas vezes à aldeia de Pernambuco. "Em fevereiro agora eu quero voltar, porque é tempo da festa de brincar de cansanção", diz, animada só em lembrar do "praiá", a festa a que se refere. Eles brincam com o cansanção, uma espécie de urtiga, batendo as folhas em partes descobertas do corpo, principalmente as costas.

"Depois a gente fica todo coçando e ardendo, a planta fere, mas a gente tem gosto de brincar", justifica. "A gente adoce quanto tá sabendo que eles lá 'tão com a brincadeira e nós 'tá aqui. Se eu tivesse asa pra voar... A gente que não tem dinheiro não é gente, não", desabafa.

Enquanto dona Benvina conta a história do seu povo, com a ajuda do filho Ivan, seu Eugênio escuta e observa, quieto e calado, sem tirar o cachimbo da boca. Mas gosta de falar do cangaceiro Lampião. "Uma vez, quando eu era pequeno, fui fazer compra na rua mais mãe e chegou o bando de Lampião. O chapéu fazia gosto olhar pra ele", conta, entusiasmado.



Índios têm casa de alvenaria, mas afirmam que gostariam de viver nas antigas palhoças